Lixão em Valparaizo ameaça saúde de 80 mil

Maurício Exenberger

Um lixão, de grande extensão, localizado entre Valparaízo II, Pacaembu e Pedregal, região onde vivem cerca de 80 mil pessoas, é considerado uma grave ameaça à saúde pública. Os moradores reclamam há vários anos do mau cheiro e da proliferação de insetos e roedores, mas até agora nada foi feito pelas autoridades para resolver o problema. Para piorar a situação, dezenas de crianças trabalham na coleta, sem as mínimas condições de higiene.

Todos os dias são jogadas no local cerca de 70 toneladas de lixo provenientes de Valparaízo, Jardim Horizonte, Parque Esplanada e Jardim Oriente. A média de cada um dos sete caminhões da Prefeitura de Luziânia, que trabalham na limpeza urbana é de duas cargas de caçamba por dia. Como a população não está orientada para separar o material orgânico do inorgânico, tudo é despejado sem qualquer critério. Assim que chegam ao chão, os sacos são abertos pelos catadores, que se encarregam de espalhar ainda mais os dejetos.

Como o lixão está situado em uma região montanhosa, banhada pelo rio Santa Maria, o mau cheiro não chega a se expandir para os vilarejos. Mas quando chove, boa parte da imundície escoa até o riacho, que conserva nas suas margens pedaços de borracha, plástico e outros materiais que não se dissolvem na água. A proximidade do arroio com o aterro sanitário é um risco a mais para os habitantes que não têm acesso a água encanada.

Sobrevivência — Em nome da sobrevivência, dezenas de pessoas — na maioria crianças — fazem do lixão de Valparaízo um meio de vida. Sem qualquer ressentimento, eles enfrentam a sujeira, o mau cheiro e as milhares de moscas para retirar da imundície alguma coisa que dê para o seu sustento e da família. Mesmo trabalhando em precárias condições, sem qualquer assistência eles demonstram dignidade e exigem das autoridades uma vida melhor.

Catador há cinco anos, o estudante Lorivaldo Pereira Lacerda, de 16 anos, diz que durante o dia separa latinhas de cerveja e refrigerante para vender a um ferro-velho e à noite estuda no Colégio Novo Gama. Mesmo parecendo bastante magro e baixo para a sua idade, ele diz que não é mais uma criança e que precisa trabalhar para ajudar os pais. "Lá em casa são sete menores e aqui eu consigo Cr$ 250 mil, por semana", "enfatiza. Lorivaldo pede à Prefeitura de Luziânia um trabalho melhor para as crianças do lixão.

Outros catadores do local confessaram que não se limitam apenas a separar objetos para vender. Eles levam para casa restos de comidas, roupas e sapatos. "Mas os alimentos só são consumidos quando têm boa aparência", afirmou um pai de família desempregado.

Indignação — Os moradores dos povoados vizinhos ao lixão demonstram indignação quando questionados sobre a existência do local. Residente em Pacaembu, a professora Irene da Silva Oliveira Araújo de Moura, de 35 anos, define o depósito como "a coisa mais imunda do mundo. Eles despejam na área tudo o que não presta. Até cavalo morto", desabafa.

Irene afirma que Pacaembu é uma vila esquecida pelas autoridades. "Além da presença do lixão, nós temos que enfrentar a escassez de água e à falta de infra-estrutura. Em época de chuva as ruas ficam intransponíveis devido a falta de calçamento". Sócio da Associação dos Moradores e Amigos do Pacaembu (Amap), o jornalista e comerciante José Simão, de 50 anos, diz que a população local não está satisfeito com a situação, mas que também não se organizou para tentar solucionar o problema.

Residente há um ano e quatro meses em Pacaembu, Simão, entende que a exposição do lixo a céu aberto tem que acabar, já que muitas pessoas estão correndo risco de vida pelo contato diário com os dejetos. "Quanto eu passo na região, as moscas invadem o carro", conclui.

Leptospirose — O médico plantonista do Centro de Assistência Integral a Saúde (Cais II), localizado em Valparaízo II, Joaquim Carlos Barroso, diz que a presença do lixão nas imediações coloca em risco a saúde de toda a coletividade. Ele favorece a proliferação de insetos, baratas e roedores, que transmitem uma série de doenças infecto-contagiosas, como a leptospirose e hepatite.

EVANDRO MATHEUS

Famílias carentes trabalham na coleta de lixo, em meio ao mau cheiro, insetos e roedores, expondo-se a doenças

Administrador aguarda verba

O administrador de Valparaízo, José Soares Evangelista, afirma que no orçamento municipal de 1993 está prevista uma verba para a construção de uma usina de reciclagem de lixo na região de Valparaízo II. Mas como, até agora, a prefeitura de Luziânia não dispõe de recursos para concretizar a obra, a nova administração toma medidas paliativas. Ela organizou a coleta do lixo em Valparaízo, Jardim Horizonte, Jardim Oriente e Parque Esplanada e começou a enterrar os dejetos expostos do lixão.

O administrador diz que o aterro sanitário, localizado entre os povoados de Pedregal, Valparaízo II e Pacaembu, é uma herança ruim, de 12 anos, deixada pelos governos anteriores. Para amenizar o problema, Evangelista e o assessor Rogério Meireles colocaram uma retro-escavadeira no local, que está destinado a abrir os buracos para colocar o material ou incinerá-los.

A fim de melhorar o sistema de limpeza urbana, foram contratados mais cinco caminhões — só havia dois — para recolher o lixo das casas em períodos regulares. Segundo Evangelista, o material é recebido em sacos, mas ainda não há coleta seletiva porque o processo de conscientização demoraria três anos.

Na opinião de Meireles, além da existência do lixão, o município enfrenta na localidade a falta de empregos. "A existência de catadores de lixo, por exemplo, sobre tudo crianças, é um problema social grave. A gente vê a situação e não gosta, mas a Prefeitura não tem condições de solucionar todas estas questões de imediato".

Secretaria — Segundo o administrador José Evangelista, o prefeito Delfino Machado tem a proposta de criar a Secretaria Municipial do Entorno de Luziânia. Ela deverá administrar Valparaízo, Novo Gama e os povoados do Jardim do Ingá até o Lago Azul, atingindo uma faixa de 150 mil habitantes. O projeto está em apreciação na Câmara de Vereadores do município.